

O INVISÍVEL QUE SUSTENTA A VIDA



IFRJ PINHEIRAL EM FOCO

**ORGANIZADORES:
LUCAS PERES GUIMARÃES
BIANCA DA SILVA RODRIGUES**

ORGANIZADORES:

Lucas Peres Guimarães.

Bianca da Silva Rodrigues.

O INVISÍVEL QUE SUSTENTA A VIDA

IFRJ PINHEIRAL EM FOCO

ISBN

978-65-01-56790-7

G963 Guimarães, Lucas Peres.

O invisível que sustenta a vida / Lucas Peres Guimarães,
Bianca da Silva Rodrigues - Pinheiral, RJ, 2025.
100 p. il. color

ISBN: 978-65-01-56790-7

1.Plantas. 2.IFRJ Pinheiral 3.Ciência 4. Meio ambiente 5.
Fotografia I. Rodrigues, Bianca da Silva. III. Título

CDD: 778.9

Elaborado pelo Bibliotecário: Mauricio Cardoso Xavier – CRB7 6561. Bibliotecário do Instituto Federal de Educação Tecnológica do Rio de Janeiro– IFRJ- Campus Pinheiral

*Daqui a 50 anos, NÃO QUEREMOS que este livro vire
um registro de um campus perdido! Com toda a nossa
paixão, suor e amor pela vida que pulsa no IFRJ Pinheiral,
sonhamos alto:*

*Que este chão seja um bastião da resistência botânica, onde
musgos, flores e árvores tecam um futuro verde!*

*Que nosso exemplo ecoe por Pinheiral, varra o Sul
Fluminense e inspire uma revolução de harmonia entre
humanos e natureza! estudantes do técnico integrado ao
meio ambiente - 103 e 104 - 2025.*

PREFÁCIO

Vivemos cercados de plantas, mas raramente as enxergamos de verdade. Essa dificuldade em perceber o mundo vegetal tem nome: cegueira botânica. Este livro nasce como resistência a esse esquecimento.

Inspirados pelo olhar profundo de Sebastião Salgado, estudantes do 1º ano do Ensino Médio Técnico em Meio Ambiente do IFRJ – campus Pinheiral voltaram suas lentes para o invisível. Com sensibilidade e atenção, registraram briófitas e angiospermas presentes nos ambientes do campus — formas de vida muitas vezes ignoradas, mas essenciais.

Através da fotografia, restauramos o valor da contemplação. Cada imagem é um gesto de aproximação, um convite a ver o que antes passava despercebido.

Que estas páginas sejam mais do que fotografias. Que sejam janelas. E que, ao olhar por elas, você veja o que antes não via.

AS PEQUENAS QUE SUSTENTAM

Um Tributo às Invisíveis Guardiãs

Elas não têm troncos imponentes nem flores que roubam olhares. São minúsculas, rasteiras, quase imperceptíveis sob nossos pés apressados. Mas nas frestas das pedras, nas raízes das árvores, nos muros esquecidos do campus, as briófitas tecem a resistência silenciosa da vida.

São os musgos e hepáticas – engenheiras ecológicas do mundo vegetal – que sustentam o invisível:

- Criam micro-habitats onde insetos e micro-organismos renascem;
- Protegem o solo da erosão, como um tapete vivo que segura a terra e a umidade;
- São termômetros ambientais: sua presença denuncia ar puro, e seu desaparecimento grita o desequilíbrio que não vemos.

"Na pedra abandonada pelo tempo, o musgo cresce em silêncio — resistência sutil, verde revolução" (p. 11). Mas essa revolução está ameaçada. Ondas de calor, estiagens prolongadas e o avanço do concreto secam seu corpo delicado. Se as ignorarmos hoje, amanhã perderemos as primeiras guardiãs dos ecossistemas.

Este registro é um manifesto:

Que Pinheiral aprenda a enxergar o poder do minúsculo.

Que cada musgo seja visto não como "matinho", mas como alicerce da biodiversidade.

Porque onde há briófitas, há esperança de regeneração.

— Alunos do Técnico em Meio Ambiente, IFRJ Campus Pinheiral.









1 Pequenas e rasteiras, quase não visíveis, mas muito importantes para o equilíbrio ambiental.

2 Quando a natureza começa a tomar de volta o que o abandono deixou, é sinal de que o descaso já subiu todos os degraus.

3 As briófitas dependem das chuvas, contudo, a baixa precipitação, agravada pelo aumento da temperatura e pelas ondas de calor ameaça sua sobrevivência, constituindo um exemplo da falta de preservação ambiental que vem afetando o meio.

4 Na pedra esquecida pelo tempo, o musgo cresce em silêncio —
resistência sutil, verde
revolução.

Enquanto a sociedade corre,
consome, destrói,
o musgo apenas vive,
abraça o abandono,
transforma ruína em lar.

Talvez sejamos todos musgo,
tentando florescer onde o
concreto nos esqueceu.

BELEZA ARMADA

Quando as Plantas Ornamentais nos Ensinam a Resistir

Elas estão nas praças, nos canteiros das avenidas, nos jardins que embelezam o concreto. São chamadas de "ornamentais", como se sua única missão fosse agradar nossos olhos. Mas sob as pétalas vibrantes da Alamanda Roxa, sob as folhas cortantes da Espada-de-São-Jorge, há histórias de resistência que ninguém conta.

Estas plantas não são meros enfeites. São sobreviventes:

- Purificam nosso ar sufocado pela poluição (como a Ixora-Chinesa, p.51);
- Refrescam microclimas urbanos, combatendo ilhas de calor;
- Protegem solos contra erosão, mesmo quando confinadas em vasos;
- Alimentam abelhas em desertos de cimento (p.81).

"Sua ganância destrói o que sua tecnologia não pode recriar: a vida" (p.47). Enquanto as prefeituras as plantam em rotatórias como símbolos de "ordem urbana", ignoramos sua agonia: raízes aprisionadas, solo pobre, chuva ácida. A Alamanda Roxa sofre com o calor implacável (p.47); os hibiscos viram "lembretes silenciosos" da destruição (p.48).

Esta seção é um desabafo:

Que Pinheiral pare de ver plantas ornamentais como objetos, e passe a honrá-las como guerreiras ecológicas.

Que nossos jardins públicos sejam santuários de biodiversidade, não cenários vazios.

Porque uma cidade que só enxerga beleza, mas não sustenta vida,
é um cartão-postal de mentira.

— Alunos do Técnico em Meio Ambiente, IFRJ Campus
Pinheiral.











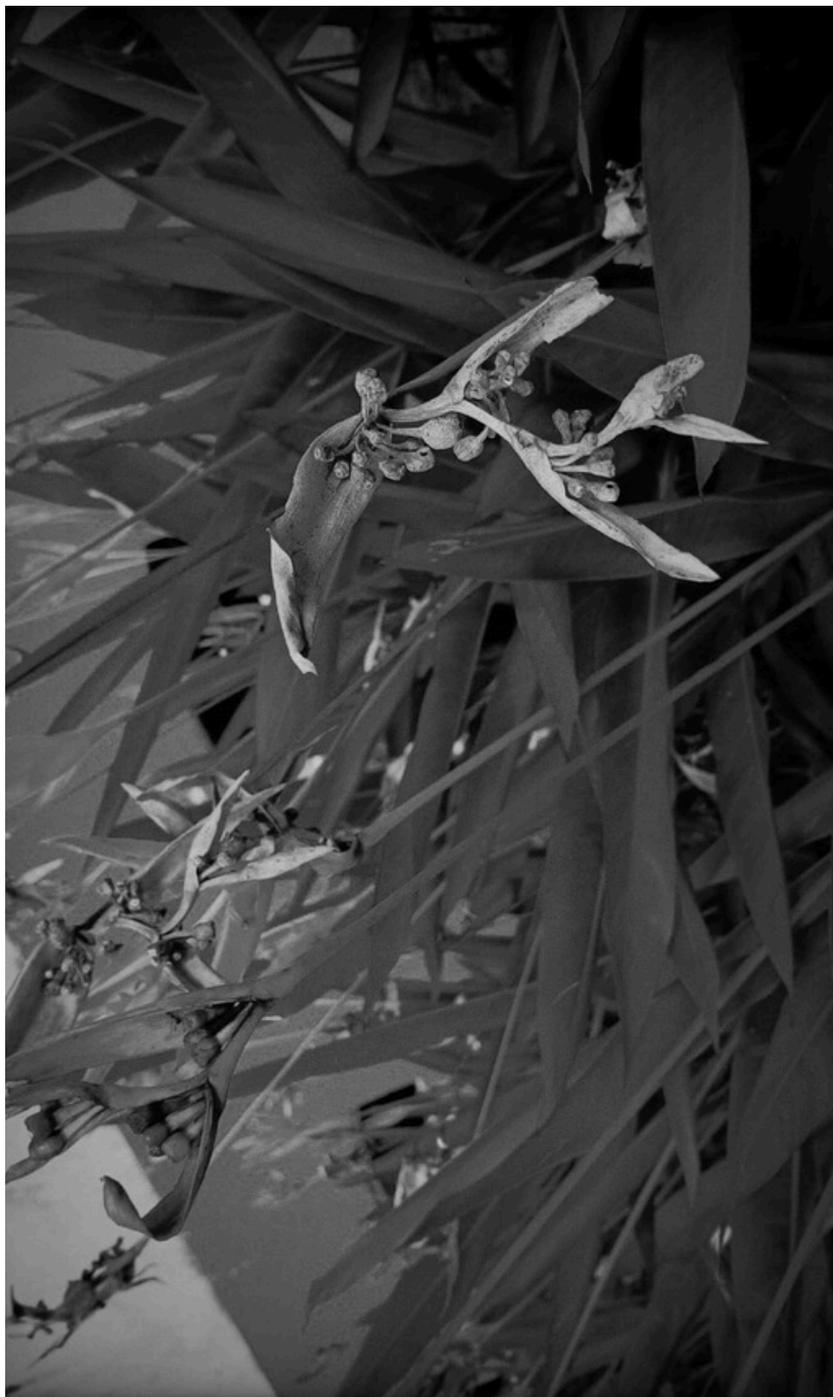


















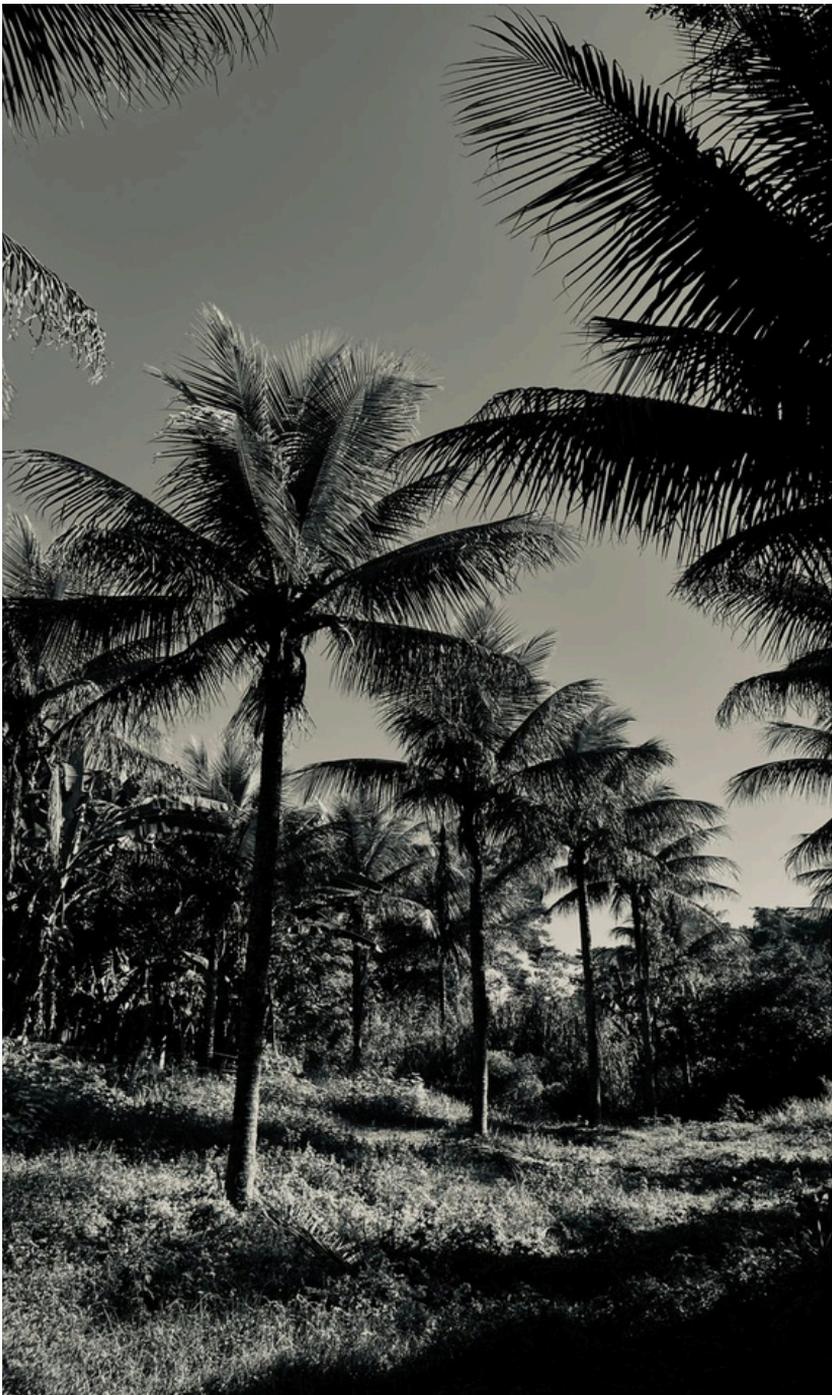






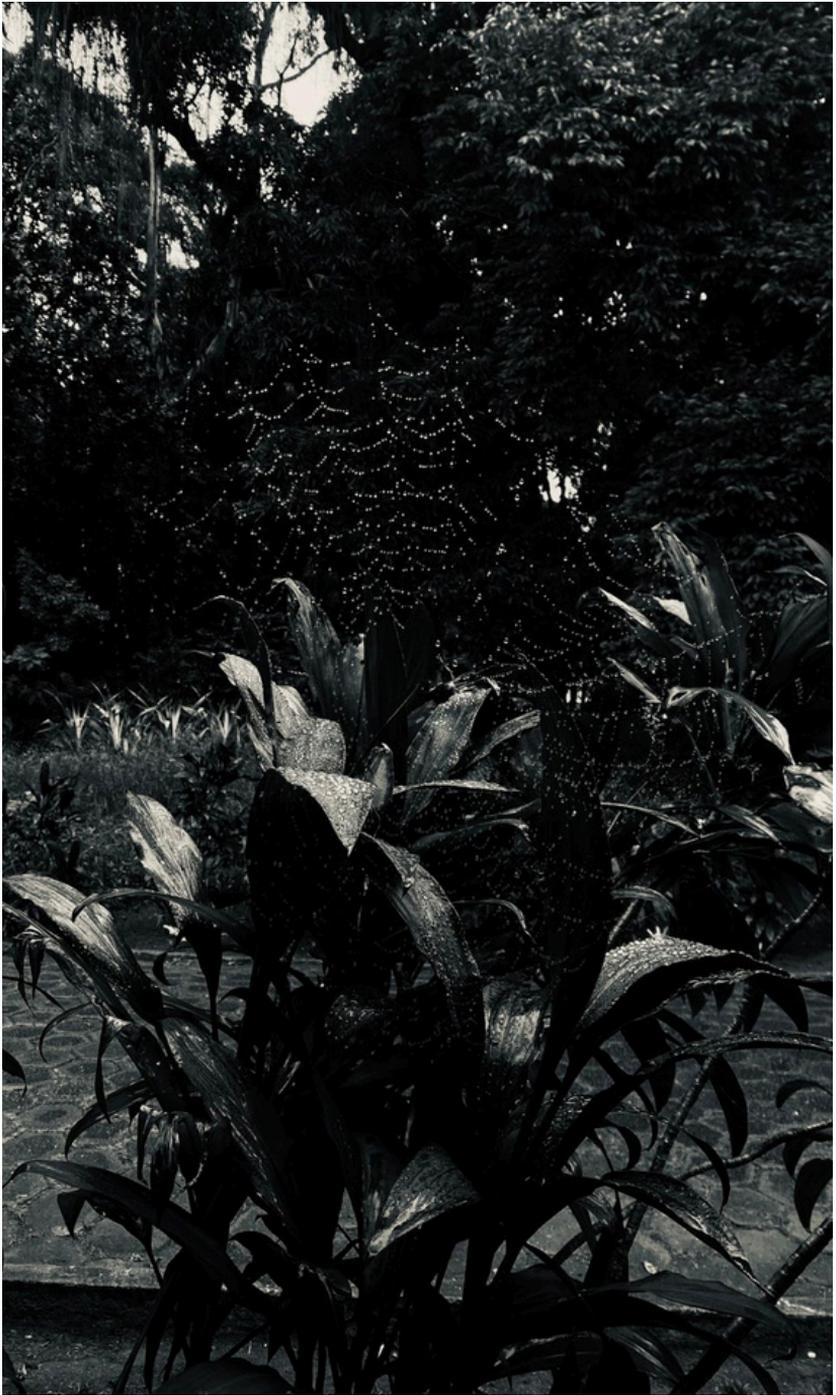
































5 Como as pessoas veem as flores apenas como algo bonito e esquecem a sua verdadeira importância para o ecossistema e na vida

E como as pessoas normalizam arrancando as flores sem se importar com a sua importância na vida

6 Em meio à rigidez do mundo, sempre espaço para a delicadeza florescer.

7 Sua ganância destrói o que sua tecnologia não pode recriar: a vida.

8 Entre folhas pontiagudas, uma flor brota com suavidade, ela não tem pressa, não compete com o entorno, apenas existe quantas vezes, em meio ao caos, esquecemos de parar?

De notar aquilo que está ali, silenciosamente bonito? Essa flor não se impõe, mas também não se esconde. Ela se permite existir, mesmo quando tudo ao redor parece hostil.

A gente também aprenda a se bastar.

A crescer nos lugares mais improváveis.

A encontrar beleza mesmo onde tudo parece cinza.

9 Ninguém a colhe, ninguém a nomeia. Bela sem testemunhas, livre sem plateia.

10 O significado de uma foto em preto e branco pode esconder muitas coisas, esta planta tem seus dons escondidos, ela é usada para culinária e medicamentos, quem pode imaginar que uma fotografia guarda algo assim, seu medicamento tem forte influência em antidepressivos e anti-inflamatório.

11 O aquecimento global e as mudanças climáticas estão prejudicando a Alamanda Roxa. Com temperaturas mais altas e chuvas irregulares, ela enfrenta dificuldades para crescer, florescer e se manter saudável. É importante cuidar do nosso planeta para proteger essa beleza da natureza.

12 Este hibisco ,mesmo em preto e branco , não perdeu sua essência. Um lembrete silencioso de que a beleza resiste, mesmo quando tiram suas cores. Infelizmente, flores como o hibisco, que representam a vida e o equilíbrio ambiental , estão sendo ameaçados pelo descuido humano e a destruição para dar lugar a concreto.

13 A flor cana-indica, seus espinhos mostrando sua força e resistência, em meio a natureza e a negligência que sofre, agora ela nasceu n para embelezar, mas para resistir.

14 Mesmo entre estruturas rígidas, a vida insiste em florescer com leveza e propósito.

15 A denúncia retratada na imagem é sobre como flores são usadas apenas como imagem para mostrar algo belo, muitas vezes não se importando com o bem estar e saúde da planta.

16 A imagem está em preto e branco, mas ainda assim a imagem não perdeu a sua beleza, pois a beleza não está só nas cores ou na aparência.

17 Mesmo preto e branco, sua forma e resistência ganham destaque, mostrando que a beleza está nos detalhes e que a verdadeira força vem da simplicidade e da essência, não das aparências.

18 Na fotografia em preto e branco, um canteiro de plantas de folhas longas e resistentes se apoia contra um muro antigo, cujas pequenas janelas e rachaduras contam histórias de um tempo passado. Essas plantas são angiospermas, provavelmente monocotiledôneas de cultivo ornamental que florescem e formam frutos protegendo suas sementes, adaptando-se com facilidade ao sol e ao clima urbano. Ao mesmo tempo em que embelezam o entorno, ajudam a proteger a base do edifício contra a erosão.

A sombra longa de uma árvore projetada na parede reforça a ideia de que, mesmo nos centros históricos das cidades, a natureza encontra seu espaço para conviver em harmonia com a arquitetura, trazendo vida e frescor a quem passa por ali.

19 Espada de São Jorge firme, mas silenciosa. Na floresta, ela se ergue como um lembrete de resistência.

A natureza resiste, mas por quanto tempo?

Preservar não é favor é obrigação.

20 A natureza nos ensina sobre resiliência e beleza. A *Yucca elephantipes*, com suas folhas robustas e florais delicadas, nos lembra que a força e a graça podem coexistir.

21 *Yucca* em contato com a construção do homem. Vendo esta foto podemos ver que o homem pode coexistir com a natureza.

22 A Cica, prevalecendo praticamente inalterada desde o período paleozóico, é testemunha silenciosa das mudanças climáticas e das ações antrópicas.

23 Ao longe sua grandeza é epopeica,

Ao longe notada, cheia de ideia

A substância explícita e sangrenta

Traz seu passado cheio de tormenta

Quem olha não vê mas quem sabe não queria nem saber

Sabe que sei que é linda mas sua lembrança aflituosa vive por centenas de anos mas ninguém mais conta sua história

Traz consigo a “grandeza” do império

Exuberante e sua força mas não tem o menor intelecto

Hoje depois de tantas décadas lá está ela, sofrida mas ainda bela, dolorosa com sua história mas cheia de memória.

24 Luz e sombra se entrelaçam sob as angiospermas do sertão, onde a natureza guarda memórias antigas e o tempo respira devagar.

25 Assim como essa planta, seguimos crescendo em silêncio, firmes e discretos, buscando nossa luz em meio aos dias comuns.

26 Aos poucos, o verde vai sumindo e quase ninguém percebe. Mas e o ar que a gente respira? E os animais que viviam lá? Se a gente não começar a se importar agora, no futuro nem sombra vai ter pra descansar.

27 A beleza sutil da natureza nos lembra que até o mais delicado merece ser protegido.

28 A Ixora-Chinesa, com suas flores vibrantes em tons de vermelho, laranja e amarelo, é facilmente usada em jardins públicos e praças como símbolo de beleza tropical e “ordem”, porém,

por trás dessa estética superficial, ela pode representar uma metáfora para as contradições sociais presentes nas cidades, enquanto o poder público investe na paisagem urbana, plantando Ixoras nas rotatórias, calçadas.

29 A natureza nos ensina que a resistência está enraizada até nos menores arbustos.

30 Às vezes, a vida é assim. simples, calma e bonita no silêncio. Não precisa brilhar para ser especial

31 Essa planta resistente me faz pensar que, mesmo com as coisas ruins da vida, a gente pode continuar crescendo forte, firme e do nosso jeito.

32 Devagar, mas sempre em frente, porque o importante é não parar.

33 O que me chamou minha atenção foi tipo esses canudos perto das folhas.

35 Assim como essas folhas vermelhas se destacam com intensidade em meio ao comum, lembre-se: sua singularidade é sua maior força, brilhe sem medo de ser diferente.

36 Em um planeta sufocado, ainda nascem folhas de esperança.

37 Uma Cosmos sulphureus (cosmos ou picão-bravo). Ela tem pétalas bem evidentes e estruturas reprodutivas centrais.

SEMENTES DE LIBERDADE

A Voz das Plantas que a Cidade Tentou Calar

Elas brotam em terrenos baldios, resistem em margens de estradas, florescem nos cantos esquecidos onde o asfalto não chegou. São as plantas silvestres — rebeldes ecológicas que tecem vida nos interstícios do caos urbano. Não foram plantadas por mãos humanas; nasceram da teimosia da terra.

Por que elas são guerrilheiras da biodiversidade?

- São farmácias vivas: como a flor preta e branca da p.47, usada na culinária e como anti-inflamatório;
- Sustentam polinizadores: "abelhas e flores [...] têm grande importância para o mundo" (p.81), mesmo quando ninguém as vê;
- Regeneram solos: em áreas degradadas, são as primeiras a dizer: "aqui ainda há esperança" (p.51).

Mas sua resistência está sob ataque:

"Aos poucos, o verde vai sumindo e quase ninguém percebe" (p.51).

Onde crianças brincavam entre angiospermas (p.82), hoje só restam "cinza de obras e lixo". O descaso as trata como "mato", ignorando que:

- Suas raízes evitam deslizamentos;
- Suas flores alimentam colmeias famintas;
- Suas sementes carregam memórias da Mata Atlântica (p.52).

Esta seção é um chamado:

Que Pinheiral escute o grito das silvestres!

Elas não são invasoras: são sobreviventes.

Cada terreno baldio coberto de concreto é uma biblioteca botânica queimada. Cada praça que perde suas flores nativas é um golpe no equilíbrio climático do Sul Fluminense.

"No silêncio do sub-bosque tropical [...] a vida floresce com mais verdade" (p.81).

Deixemos que ela fale.

— Alunos do Técnico em Meio Ambiente, IFRJ Campus Pinheiral.





















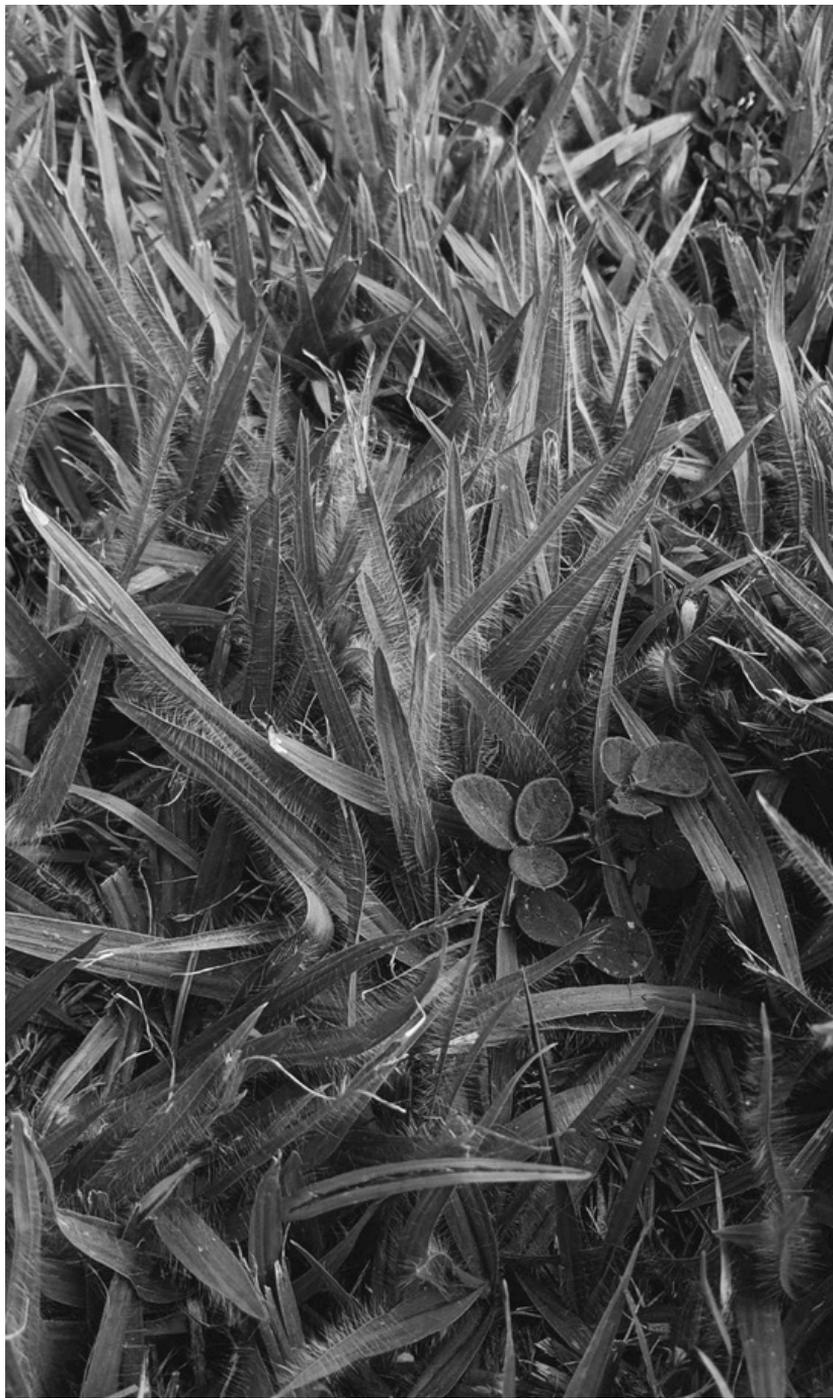




























Herbário Nacional
Instituto de Botânica
BANANA
Musa spp
Origem – Sudeste Asiático







38 Essa planta não apenas embeleza o ambiente — ela sustenta a vida ao seu redor. Proteger a vegetação é essencial para manter o equilíbrio e preservar o meio ambiente.

39 Essa árvore aí parece forte, mas tá largada, igual muita gente por aí. Todo mundo vê, mas finge que não. Cidade bonita por fora esquecida por dentro.

40 Cuidar do meio ambiente é cuidar da nossa própria existência.

41 Tons escuros tiram sua cor, mas não seu brilho.

42 A abelha e a flor são coisas pequenas e frágeis, porém, juntas, elas tem uma grande importância para o mundo e a vida, mesmo sem dar a devida importância a elas, dependemos de suas pequenas atitudes.

43 Enquanto o homem se rompe da natureza, as abelhas se encontram na companhia

das flores, mostrando que verdadeira harmonia está no respeito.

44 Está angiosperma nos lembra da incrível diversidade da vida vegetal. As flores não apenas embelezam nosso ambiente, mas também desempenham papéis essenciais na polinização e na produção de alimentos.

46 No silêncio do sub-bosque tropical, entre folhas marcadas pelo tempo, irrompe a delicadeza ancestral desta angiosperma. Suas pétalas — frágeis e vibrantes — resistem à lógica da pressa humana. É ali, onde poucos olham, que a vida floresce com mais verdade.

47 Em meio ao emaranhado de folhas e espinhos da vegetação secundária, uma angiosperma floresce. Não há heroísmo, apenas a repetição cega de ciclos naturais. A flor não sabe que é bela, nem que é vista.

48 Até nas menores flores há uma enorme beleza.

49 Essa foto transmite a delicadeza que as flores possuem em meio a imensidão da natureza.

50 No silêncio da mata, a luz e a sombra dançam sobre o chão selvagem.

52 A necessidade de defesa, muda as criaturas.

53 Essa flor no meio das folhas mostra como, mesmo quando tudo parece bagunçado ou confuso, algo bonito e verdadeiro ainda pode estar ali, firme. Mesmo sem cor, ela chama atenção só por existir. É tipo a vida: às vezes, no meio do caos, o que mais vale a pena tá escondido, quieto. Mas continua lá.

54 Como eu me lembro de quando era criança , e minha diversão era colocar as plantinhas para dormir na praça do meu bairro. Hoje cresci e a angiosperma nem se quer está mais lá, a praça verde em que brincava, hoje

existe somente o cinza de restos de obras e lixo dos moradores . O que um dia eu vivi , as novas crianças nunca viverão!

55 Essa foto transmite o equilíbrio da natureza, onde a fauna e a flora interagem em eterna harmonia, sem a interferência humana.

56 A luz não apaga as sombras, ela mostra o caminho entre elas.

58 Sob a lente em preto e branco, vemos flores silenciosas — pequenas, resistentes, molhadas pelo orvalho ou talvez pelas lágrimas da terra. A imagem remete à estética poderosa de Sebastião Salgado, onde a beleza natural carrega o peso de uma denúncia muda.

Essas flores brotam do chão duro, entre folhas caídas e galhos retorcidos, assim como a esperança insiste em nascer em meio ao abandono. O problema retratado aqui não é apenas ambiental, mas humano:

a desconexão com a natureza, a negligência com a terra que nos alimenta. Em muitos cantos do mundo, o que antes era jardim virou concreto, e o que ainda floresce é deixado à margem, como um lembrete incômodo do que foi perdido.

Essa imagem poderia ter sido feita em uma comunidade esquecida, onde não há espaço para parques, onde a natureza só resiste nos cantos rachados de calçadas sujas. Ela simboliza o desprezo pela vida simples, a destruição silenciosa das pequenas belezas que sustentam a alma humana.

59 Solitária, resiste em silêncio no coração da mata. Folhas marcadas pelo tempo, raízes firmadas na esperança. A dignidade da vida brota mesmo entre as cicatrizes.

60 Na simplicidade de uma fruta, a beleza do natural.

61 As cores não são o que dão vida à paisagem.

62 Dizem que é "só uma planta". Mas olha bem. A *Iresine herbstii* perdeu o brilho, e ninguém notou. É assim que tudo começa: o silêncio, o descaso, e de repente... já era.

VERDES REVOLUCIONÁRIOS

Quando a Natureza Escreve Recomeços nas Fissuras do Mundo

Aqui, onde o concreto racha, onde o abandono ergue muros descascados e memórias soterradas, a vida insiste em ser verbo. Não um verbo passivo, mas rebelde. Estas fotos não documentam ruínas: revelam laboratórios de regeneração.

O que as pedras mortas nos ensinam:

- Musgos são arquitetas que transformam escombros em ecossistemas (p.11);
- Raízes são redes clandestinas que tecem solo fértil sob entulho (p.18);
- Flores no asfalto são atos políticos: "símbolo de tudo o que é ignorado só por não ser útil" (p.94).

Enquanto o Sul Fluminense acelera rumo ao "progresso" que descarta, Pinheiral testemunha:

"Aos poucos, o verde vai sumindo e quase ninguém percebe. Mas e o ar que a gente respira?" (p.50).

Onde havia Mata Atlântica (p.94), brotam estacionamentos. Onde crianças brincavam (p.82), crescem placas de "Área Degradada".

Mas atenção:

Nessas feridas abertas, a natureza ensina sua mais radical lição:

"O verde renasce, envolve as ruínas [...] e anuncia, silencioso, um novo recomeço" (p.93).

São as angiospermas pioneiras — não as árvores nobres, mas embaúbas, capins, trepadeiras — que fazem o trabalho sujo da esperança:

Estabilizam encostas com raízes urgentes;

Filtram metais pesados do solo envenenado;

Preparam o caminho para as florestas do amanhã.

Por isso gritamos:

Que Pinheiral pare de ver terrenos baldios como "vazios".

São berçários de biodiversidade!

Cada tijolo que cai é uma chance. Cada flor que nasce no crack da calçada é um tratado de paz entre humanos e Terra.

"A natureza resiste, mas por quanto tempo? Preservar não é favor: é obrigação" (p.48).

Plantamos futuro.

— Alunos do Técnico em Meio Ambiente, IFRJ Campus Pinheiral.

















64 O verde renasce, envolve as ruínas carregadas de memórias e anuncia, silencioso, um novo recomeço.

65 Criação e acúmulo, mata atlântica.

66 Em um mundo tão perturbado, ainda há folhas de esperança.

68 Apesar de terem uma importância enorme muita das vezes as pessoas apenas olham e apreciam por sua beleza, mas as plantas vão além de sua aparência, suas cores e graciosidade, as flores fornecem alimentos para muitos animais, como aves e insetos, compõe a biodiversidade fornecendo de habitat também e algumas flores tem propriedades purificadores do ar, removendo poluentes e toxinas do ambiente.

69 Resistência silenciosa: até onde a natureza precisa se agarrar para sobreviver em

meio ao concreto e ao descaso?

70 No meio do concreto, entre os passos apressados e os olhos distraídos, floresce silenciosa uma flor que ninguém nota.

Ela não está nas vitrines, nem nos buquês caros das floriculturas.

Mas está ali — persistente — colorindo o chão seco, oferecendo beleza e vida a quem quiser enxergar.

Essa flor é símbolo de algo maior:

De tudo o que é ignorado só por não ser útil, famoso ou lucrativo.

Ela denuncia o descaso com o simples.

Denuncia o esquecimento das belezas nativas.

Denuncia a pressa que nos rouba o olhar.

A flor está ali.

Mas quem para para ver?

IFRJ - CAMPUS PINHEIRAL



A atividade “Combatendo a Cegueira Botânica: Uma Abordagem Metodológica com Ênfase na Fotografia Inspirada por Sebastião Salgado” desenvolvida no IFRJ – Campus Pinheiral. Localizado no município de Pinheiral, no Médio Vale do Rio Paraíba do Sul, o campus ocupa uma fazenda de 318 hectares e dispõe de infraestrutura ampla voltada ao ensino, à pesquisa e à extensão. Reconhecido regionalmente pela qualidade do ensino profissionalizante, o campus se destaca também pelos resultados obtidos no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM), apresentando as melhores médias entre as escolas públicas da região.

EPÍLOGO



As imagens aqui reunidas nasceram do olhar atento de jovens em formação, que aceitaram o desafio de romper com a cegueira botânica e revelar, por meio da fotografia, a beleza silenciosa das plantas que habitam nosso cotidiano. São registros de briófitas e angiospermas feitos com curiosidade, respeito e sensibilidade — e também com a esperança de que esse olhar se espalhe.

Que estas páginas despertem em você não apenas admiração estética, mas também o desejo de observar o mundo vegetal com mais atenção e cuidado. Que esse gesto se transforme em ação — no modo como caminhamos pelas ruas, ensinamos nas salas de aula, planejamos nossas cidades ou simplesmente nos relacionamos com a natureza.

CRÉDITOS:

Fotografias

Fotógrafos:

MA - 103

Allícia dos Santos da Silva
Amanda Pereira Martinhão
Ana Clara Rebouças de Paula
Ana Julia Marinho Cunha
Angelina de Oliveira Barbosa
Bernardo Armando do Carmo Vidal
Carlos Otávio Felix Cardoso
Cássio Antonio Rodrigues de Azevedo
Davi Nelis Almeida
Eiko Rodrigues Edaki
Emanuel Souza Silva
Enzo Gonzaga de Paula
Gabriella Lazaro Santos Silva
Giovanna Fonseca Costa
Guilherme dos Santos Delucas
Heitor Pinheiro Almeida da Silva
Isabela Paludo Mota
Isabela Santágueda Marques de Oliveira
João Gabriel Santana Vieira Sousa
João Marcos Marchito Amaral da Silva
Juliana Araujo Machado
Lavinia Soares Leite
Lucas Delfino Eler Cunha
Maria Clara Ramos Candido
Maria Eduarda Pereira Mariano

Mariah Machado Leopoldino
Melissa Maria de Oliveira Morais
Miguel do Carmo Ribeiro de Sousa
Nicollas Siqueira Finoti Magalhães
Paulo Vítor de Moraes Teixeira
Samuel dos Santos Silva Romualdo
Sofia Marins Terra
Steffany Martins Rosa Mendes
Thayla Gaione de Souza
Victor Matheus dos Santos Freitas

MA - 104

Ana Beatriz Fernandes de Oliveira
Ana Laura do Nascimento de Souza
Bernardo Barreira Martins Machado
Bernardo Miranda de Oliveira
Davi Leonardo de Oliveira Cezarino
Débora Gonçalves de Souza Andrade Duque
Elóra do Nascimento Ferreira
Emanuele Ferreira Lopes
Évanni Ferreira Santos
Gabrielly de Jesus da Rocha Dias
Giuliana Melo Santiago de Oliveira
Gustavo Silva Carvalho
Helena Felix dos Santos
Henzo Baliza Nogueira
Isabella Pereira de Assis
Ítalo Pádua Fortes de Oliveira
Júlia de Barros Monteiro Oliveira
Kamilly Vitoria Gonçalves Simeão
Lara Luíza de Jesuz Lessa
Lethícia Victória Damasio de Almeida

Letícia Rafaela Farias do Nascimento
Lucas Gabriel Nery da Silva
Maria Eduarda Barcellos de Proença
Maria Eduarda Silva dos Santos
Maria Luiza Firmino Felix Nogueira
Mariana da Silva Seabra Oliveira Satiro
Nathan Siqueira Salino
Olivia Oliveira Cersózimo
Pablo de Melo Henriques
Robson Eduardo da Silva
Rulian Gonçalves da Silva Fróes
Samuel Reis Queiroz Silva Barbosa
Sarah de Oliveira Machado
Stéfani Emannelly Vieira Modesto das Neves
Thalita Nascimento Germano
Thiago de Barros Santana Pereira
Vitoria Kenupp Soares Coelho

Orientação e Curadoria

Coordenação e orientação fotográfica:

Lucas Peres Guimarães

Bianca da Silva Rodrigues

Curadoria e seleção das imagens:

Lucas Peres Guimarães

Bianca da Silva Rodrigues

Textos e Edição

Prefácio, epílogo e textos complementares:

Lucas Peres Guimarães

Bianca da Silva Rodrigues

Revisão textual:

Lucas Peres Guimarães

Bianca da Silva Rodrigues

Diagramação e edição visual:

Bianca da Silva Rodrigues